

Stadium

N.º 354
14 - Setembro - 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

SPORTING-ORIENTAL no Estádio Alvalade

O ataque sportinguista revelou-se a máquina de sempre! O Oriental não pode resistir. Peyroleo carrega Alexandre. Os outros assistem, preocupados...



O F. C. do Porto

regressou à Metrópole

Impressões do dr. Cesário Bonito

CHEGOU à Metrópole a equipa do F. C. do Porto, e sem dúvida alguma carregada de honras, vitórias e trofeus. Pode não ter nada de extraordinário a sua façanha de ganhar 10 encontros, — 9 em Angola e 1 em Leopoldville. Pode ter sido vulgar a sua actuação nos campos africanos. O que não será vulgar, naturalmente, é a projecção desta longa viagem do F. C. do Porto, despedido em Luanda com manifestações de entusiasmo e de muito carinho, servido por prendas de grande valor e estimação.

Temos informado os nossos leitores, na medida do possível, sobre os resultados feitos pelo campeão nortenho em várias cidades de Angola, transcrevendo também impressões dos jornais que gentilmente nos foram remetidos pelo dr. Cesário Bonito, antigo presidente do popular clube. Agora, logo que os componentes da embaixada «portista» pisaram a terra metropolitana, fizemos por colher outras impressões, afim de transmitir, «in-locos», muitas novidades que despertarão a curiosidade pública. E que esta viagem do F. C. do Porto «dá pano para mangas» — passe o termo plebeu. Se nos detivermos a analisar o valor do futebol angolano; se apreciarmos a actuação, pelo conjunto de vitórias, do F. C. do Porto; se discutirmos o trabalho dos jogadores, quer de um lado, quer do outro; se focarmos a visita no aspecto financeiro — encontraremos um manancial de motivos curiosos e até muito agradáveis para

a vida do futebol. Do futebol e do próprio F. C. do Porto, neste caso discutido e justamente honrado pela sua arrojada iniciativa.

Damos por isso a palavra a uma das figuras que mais de perto «viveu» a excursão portuense a Angola. O dr. Cesário Bonito vai contar aos leitores as suas impressões, embora apareça aqui e alem uma informação conhecida. Mas faremos o possível por contribuir para o esclarecimento mais completo, e até mais inédito, de factos que ilustram esta viagem à progressiva colónia de Angola.

Consegui-lo-emos, por certo. Se o leitor nos seguir, verificará que é assim...

A' nossa conversa com o dr. Cesário Bonito assistiu também o director do F. C. do Porto, antigo internacional Carlos Nunes. Entre nós e os dois conhecidos desportistas estabeleceu-se um diálogo vivo, e com algum sabor a surpresa — à medida que nos eram contadas novidades da viagem a Angola.

Vamos dar a palavra ao dr. Cesário Bonito:

— Contava ser bem recebido. Daquela maneira — é que não. Nunca na minha carreira de desportista assistiu a tantas provas de amizade para com um clube.

«Em diversas cidades angolanas, chegou a dar-se um facto curioso, e que relato com alguma singeleza, para dar uma imagem real do modo como nos tratavam. Dava-se nada mais nada menos o seguinte: quando algum de nós ia ao bar-



A Taça «Salvador Correia de Sá», reconquistador de Luanda, enche de orgulho a equipa do F. C. do Porto. O trofeu custou 37 contos e, artisticamente, é um primor. Alguns jogadores portuenses, mesmo, não se dispensaram de tirar com o trofeu uma fotografia. Aqui se vêem, de cima para baixo e da esquerda para a direita: Romão, Sanjós, Tavares da Rocha, antigo atleta do clube, e em cujas oficinas foi executada a Taça, Freitas e Carvalho. Este atleta havia sido homenageado neste dia (3 de Agosto) por completar 24 anos. Como coincidência curiosa: a equipa, além de festejar os anos de Carvalho, comemorou também o 43.º aniversário do clube, que nesse dia teve lugar

beiro, ao engraxador ou ao café e comprar tabaco, logo se nos dizia, no «joste de contas»: — «Está tudo pago! Não é nada...»

«Esta atitude surpreendeu-nos a princípio, e como se prolongava, vimo-nos forçados a solicitar mudança de tratamento. «Pois que levariam a mal!» — foi a resposta.

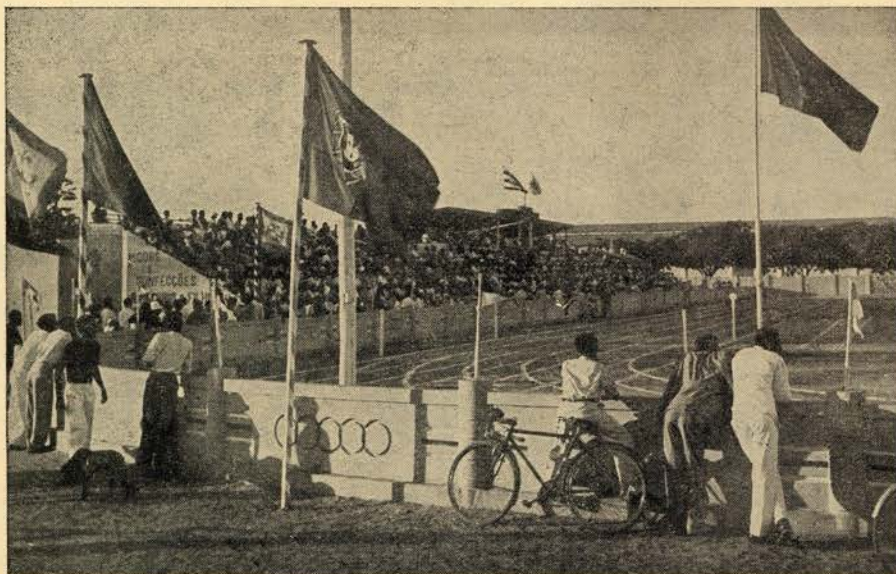
A muito custo, porem, conseguimos que a massa dirigente ficasse livre dessa facilidade.

«Parece que o facto de sermos considerados hóspedes da Câmara Municipal, em diversas cidades, nos impedia de pagar fosse o que fosse!»

— E ainda por cima, foram presenteados com muitas prendas...

— Muitíssimas! O programa de festas era tão longo, que nos vimo-nos forçados a pedir tréguas, algumas horas de descanso para a equipa... Foi-nos oferecido um jantar, autêntico banquete, numa famosa herdade angolana, e dali saíram os nossos jogadores com uma oferta valiosa — o açúcar que na Metrópole vale ouro, como sabe.

(Continua na pág. 15)



O Estádio de Benguela agradou bastante à caravana «portista». De facto, o seu aspecto impressiona agradavelmente, como pode apreciar-se por esta fotografia, tirada quando ali jogou o campeão nortenho

Ano VII — II Série — N.º 354
Lisboa, 14 de Setembro de 1949

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

A VIDA de Fernando PEYROTEO

FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Pitta Castellejo

ENTRE os grandes artistas da bola, entre esses extraordinários atletas que mercê de qualidades invulgares para a prática desta modalidade desportiva, criaram uma auréola de prestígio tão grande, que se espalhou além-fronteiras, justíssimo é destacar o magnífico avançado-centro da equipa nacional, Fernando Peyroteo, um jogador cuja carreira é das mais brilhantes no futebol português.

No dia 5 do próximo mês de Outubro, todos os aficionados da bola acorrerão a presenciar a sua festa de homenagem, organizada com o maior cuidado por uma Comissão de desportistas da qual fazem parte nomes conhecidos no meio futebolístico.

O popular e famoso jogador, nesse dia, abandonará os desafios de competição, sendo firme o seu propósito de não aceder às diversas insinuações para que continue a dar o seu precioso concurso não só à equipa do seu clube como à selecção representativa do País.

Fernando Peyroteo, abandonará, portanto, não como atleta que viu chegado o momento de arrumar as botas, mas sim como jogador na pujança dos seus recursos físicos, que voluntariamente renunciou em prolongar uma carreira a todos os títulos notável!

Não hesitamos em afirmar que a decisão do fogoso atleta produzirá mágoa sincera, não só entre os associados do clube que representa há 12 anos, mas também entre todos os verdadeiros «furiosos» do balão redondo, que de há muito se acostumaram a vê-lo aciar sem desfalecimentos, na defesa da camisola que envergasse, fosse a de listas verde-branca, fosse a da cidade de Lisboa, fosse ainda a das «quinas»!

Jogador de aprumo irrepreensível, atleta praticante correcto e delicado, a sua voluntariedade, o seu apego pela disputa da bola, nunca o fizeram esquecer o respeito e a consideração que devia aos companheiros do clube adversário!

Alto, espadado, com uma rapidez de reflexos que o seu físico não deixaria supor, revelou desde a sua vinda para a metrópole, uma facilidade de remate que o tornou temível para os guarda-redes e um constante pesadelo para a defesa contrária.

Dos seus pés partiram muitas centenas de «tiros» que decidiram o resultado de tantos e tantos encontros!

Da sua atenção ao desenrolar das jogadas, partiram golpes de cabeça fulminantes que tornaram impropria a intervenção do defensor das balizas!

Da sua combatividade, da sua presença, da vigilância cerrada a que era sujeito, quantos golos não resultaram marcados pelos restantes elementos da linha avançada, em consequência de um, dois e por vezes três aduersários, capricharem em o «aparr», seguindo-lhe os movimentos como sombras, não lhe deixando uma nesga de terreno livre para poder despedir o seu potente remate!

Todos recordamos o seu vigor atlético, em épocas sucessivas, bem expresso nos famosos lentos que marcou imparavelmente, depois de se ter apossado da bola a meio campo, «arrancando» irresistivelmente em direcção às redes adversárias, suportando estoicamente a «carga» de quantos lhe apareciam no caminho, que «galgava» com velocidade asombrosa deixando para trás os seus perseguidores!



Peyroteo é um jogador e atleta extraordinário! A rapidez da sua corrida, apesar da forte estatura, surpreende as mais fortes defesas, nacionais e estrangeiras. Repare-se no equilíbrio da passada e condução da bola, a caminho das balizas...

Ficaram célebres estes golos, conhecidos ainda hoje por «golos à Peyroteo».

No difícil lugar que ocupa, não vemos ainda jogador capaz de o substituir, apesar de por vezes se terem já feito diversas experiências. Decorridos doze anos de actividade no continente, Fernando Peyroteo é indiscutivelmente o primeiro avançado-centro português!

A sua inclusão numa equipa é a certeza de que estará presente um rematador decidido, um fazedor de golos perigoso!

Ai da defesa que descure a sua marcação, que o não vigie estreitamente!

Quantas vezes não assistimos nós a préludios em que bastou um ligeiro deslize do jogador contrário para que Fernando aterrorizasse vitoriosamente, depois de ter lutado a maior

parte do desafio sem conseguir escapar à aturada vigilância do seu «parr»... Um desfeito, um golo!

Teve como é natural, tardes brilhantes e tardes apagadas. Teve jogos em que marcou lentos e em alguns muitos não atingiu o alvo.

Porém, em todas as pugnas que disputou, o seu espírito de sacrifício, o seu amor e dedicação à camisola que envergava, ficaram bem patentes pelo esforço generosamente despendido.

Com todas as suas qualidades e defeitos como jogador da bola, — a perfeição integral e absoluta está vedada aos mortais — podemos classificar o avançado-centro da equipa nacional de futebol, como um dos mais extraordinários atletas que têm pisado os terrenos desportivos!

A sua resolução de aproveitar a festa de homenagem para se retirar em glória, entristecerá todos os seus admiradores que se contam por muitos e muitos milhares no Império português e em França, Espanha, Suíça, Itália, Bélgica, Alemanha, Irlanda, Argentina, Inglaterra, etc.

Não nos compete apreciar e comentar a atitude assumida. Fernando com 31 anos apenas, não é um velho para jogar futebol, nem tão pouco está «galto».

Ao invés, está presentemente muito mais jogador sob o aspecto técnico, — assim o afirma a uma voce, a crítica — e na posse das esplêndidas qualidades que o tornaram grande entre os grandes, como prouou recentemente no primeiro encontro da temporada, não só por ter marcado os quatro golos que derrotaram «Os Belenenses» como pela desenvoltura da sua actuação.

Supomos que Peyroteo, por razões de ordem particular e profissional, entendeu ter chegado a altura ideal para cortar cerce o seu contacto com a bola, em desafios de competição.

O seu nome que encheu tantos títulos das colunas dos jornais de vários países, que foi bradado aos ventos por milhares de vozes durante o desenrolar das pugnas, que foi irradiado por emissoras de radiofusão portuguesas e estrangeiras, ficará a perdurar como recordação saudosas, como estrela brilhante que tremeluziu no firmamento desportivo nacional!

O seu retrato não mais será publicado nos periódicos, as fotos que o representavam em atitudes cheias de beleza atlética, deixarão de oparecer nos dias seguintes aos destinados para recreio espiritual da «malla» da bola!

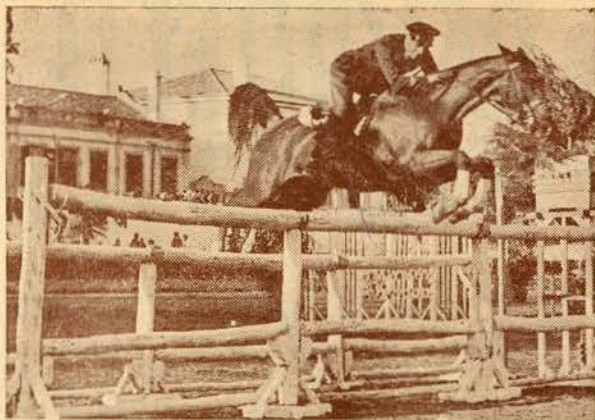
O receio constante e permanente dos seus companheiros de lula envergando camisola diferente da sua, cessará também, mas, não vacilamos em o afirmar, com um traço amargo de desgosto pela falta de um camarada valeroso e leal que tornava a competição mais aliciante, mais renhida, mais entusiástica!

Na linha dianteira da equipa portuguesa, fica um lugar em aberto. O novo titular arcará com uma pesada responsabilidade, que cremos, só poderá vencer a seu tempo, se tomar como exemplo as belas virtudes do atleta que se retirou.

Todos nós sabemos que a idolatria do público e o desconhecimento do valor são medidos pelo somatório das boas exibições e pela utilidade do concurso do atleta.

Mal daqueles que entram na carreira descendente da sua carreira. É o princípio do fim,

(Continua na pág. 15)



O tenente Pereira de Almeida no «Abrunhos», «conjunto» que se está a impôr pela sua regularidade



O capitão A. Damião no «Drawragoo» vencedor do «Grande Prémio»

HIPISMO

O capitão António Damião venceu o «Grande Prémio» do Concurso de Cascais

DECORRERAM com animação e interesse as três últimas jornadas do Concurso Hípico de Cascais, organizado como dissemos, pela Sociedade de Propaganda, com o patrocínio da Câmara Municipal daquela vila.

Cumprimos um dever se indicarmos o nome de Manuel Possolo, como grande animador deste certame. A sua acção, a todos os títulos digna de nota, prova evidentemente o seu entusiasmo pelo desporto equestre e a sua ânsia de bem servir a vila de Cascais que, sem dúvida, muito deve ao seu dinamismo e à sua dedicação. Justíssima foi a homenagem que, por iniciativa de um grupo de concorrentes, lhe foi prestada no Casino do Estoril, durante a qual Manuel Possolo verificou a estima que todos lhe consagram e que, de resto, bem merece.

Na terceira jornada do Concurso, três coisas há a assinalar — a magnífica vitória de «Ebro», montado pelo tenente-coronel Marquês do Funchal, na prova «José Beltrão»; a boa actuação de «Furação», que reafirmando qualidades de apreciar ganhou a Taça «José Florindo de Oliveira», montado pelo capitão Joviano Ramos; e a pouca sorte do «Rama» conduzido pelo tenente Cruz Azevedo, que, se não fora uma inesperada «recusa», teria conquistado definitivamente este troféu.

A jornada abriu com a prova de sargentos e fechou com a de discípulos, respectivamente ganha pelo sargento Carreira, no «Xeques», e por João Sequeira, no «Alcatruzes».

Depois entrou-se na parte difícil do torneio, na que desperta maior interesse e mais franco entusiasmo.

Reafirmando que não foi por acaso que triunfara nas Caldas da Rainha, «Drawragoo», com o capitão António Damião, ganhou o «Grande Prémio», terminando apenas com 4 pontos de penalização, um percurso particularmente difícil. «Febus», «Buçaco» e «Raso», conduzidos pelo capitão Rangel de Almeida, tenente Craveiro Lopes e capitão Correia Barrento, ocuparam, por esta ordem, os lugares imediatos da classificação.

A fechar o programa da quarta jornada, D. Ana Maria Ribeiro

Ferreira triunfou na prova de «Amazonas», com o único percurso «limpo» da prova, conseguido com o cavalo «Dardo».

O vasto programa do Concurso terminou no domingo com as provas «Nacional», «Marquês do Fayal», e «Taça Marechal Carmona», que atraíram ao hipódromo considerável assistência.

Como é habitual o Chefe do Estado assistiu às provas do último dia.

Depois da vitória do tenente Carlos Granate, montando «Nocivo», na prova «Nacional» e do

tenente Miravente de Almeida, no «Squalus», ter conseguido o triunfo na prova destinada a «casacas encarnadas» (tão bonitas e hoje infelizmente tão raras) teve início a «Taça Marechal Carmona», a taça de honra do certame.

A prova terminou à 5.ª «barra», com o obstáculo de altura a 1,80 mas já ninguém o conseguiu transpor.

A luta terminou a 1,70 com a vitória do capitão Rhodes Sérgio, na «Flama» que, com imenso brilho, alcançou ainda o 2.º posto, montando o novo e promissor «Castiço».

O capitão Barrento, no «Raso», e o tenente Craveiro Lopes, no «Académico», obtiveram os dois restantes prémios. Não poderá deixar de reconhecer-se que o Depósito de Remonta estava bem representado...

Assim terminou mais um Concurso de Cascais, este ano a fechar a época, embora que, talvez, demasiado cedo.

ANTAS TEIXEIRA

NÃO desmereceu das anteriores, esta terceira edição da Travessia de Sesimbra a nado, tal como as duas primeiras devido ao incansável esforço do Clube Naval da risonha vila piscatória, prestante colectividade que à natação dedica boa parcela da sua actividade, numa eloquente afirmação de trabalho probo e honesto.

Sesimbra esteve em festa. Veio para a praia. Vibrou com a corrida, com o esforço dos nadadores, acompanhou o melhor que pôde as diversas fases da prova. E esta disputou-se, sem dúvida, em ambiente de franco entusiasmo.

Dos trinta concorrentes inscritos — todos presentes à chamada — apenas desistiu um, o que na realidade constitue pormenor a assinalar agradavelmente.

Na falta de Baptista Pereira, a vitória sorriu, logicamente, a outro alhandrense, Jofre de Carvalho, que entrou na meta com cerca de um minuto de vantagem sobre o segundo, cobrindo o percurso em 24 m. 52 s.

A prova teve, no entanto, um apontamento curioso e inédito:

NATAÇÃO

Jofre de Carvalho e o Alhandra vencedores da III Travessia de Sesimbra

a presença dos madeirenses José da Silva e Vasco Abreu — dois valores da natação portuguesa — que, depois do seu comportamento meritório nos campeonatos nacionais e na prova Vila Franca-Alhandra, vieram ocupar os postos de honra na Travessia de Sesimbra, valorizando, indiscutivelmente, a interessante e útil competição. Marcas obtidas: José da Silva (25 m. 54 s.) e Vasco Abreu (26 m. 7 s.).

Os alhandrenses António de Carvalho e Manuel Pinhão estiveram à altura dos seus créditos, obtendo, respectivamente, os «tempos» de 26 m. 21 s. e 26 m. 37 s., contribuindo, assim, da melhor maneira, para o triunfo global do Alhandra Sporting Clube que o levou à conquista da taça

«Comissão Municipal de Turismo». João Pereira Bastos, com 26 m. 26 s., foi o melhor representante do S. A. D.

O clube organizador, teve no esforçado atleta Alfredo Filipe, o seu melhor representante, com um honroso oitavo lugar, em 27 m. 7 s., após ter lutado o melhor possível.

Há, ainda, nesta breve síntese, uma referência a fazer. E esta às duas nadadoras que, com belo espírito desportivo, fizeram a prova: Maria Luísa Araújo — a campeã nacional de 200 metros — e Maria José Meles. Deram, sem dúvida, a nota gentíl, desta III Travessia de Sesimbra de belas recordações.

ABREU TORRES



Estoril e Belenenses

AO LADO — Moura, que alinhou ao lado de Feliciano, num salto magnífico, corta a corrida de Veríssimo (do Estoril).



Caetano, o guarda-redes suplente de Belem, que é um jogador de merecimento, defende com segurança uma bola alta, apesar da presença inquietante de Mola (do Estoril). Ao lado vê-se Serafim, atento, e mais longe, Feliciano.



Bruno, o rapaz que subiu ao primeiro grupo, numa tentativa forçada pelas circunstâncias mas que tem resultado, ataca e segue com atenção o movimento da bola, mas Sebastião defende com presteza.

...Sobre futebol

REUNIRAM-SE ontem na Associação de Lisboa os principais presidentes. Apontaram-se nomes, e cada um revelou qualidades dos futuros dirigentes e referiu-se a defeitos. Todos os nomes devem ficar amanhã na posse do presidente do Congresso. Ao que parece os lugares foram talhados e distribuídos da seguinte maneira:

Mesa do Congresso: presidente, Lisboa; 1.º secretário, Castelo Branco; 2.º secretário, Portalegre.

Direcção: presidente, secretário e tesoureiro, indicados por Lisboa sendo um dos cargos de combinação com Braga; vice-presidente, Porto; vogais, Coimbra, Setúbal e Faro.

Conselho Técnico: presidente, Lisboa; vogais, uma designação em conjunto por Aveiro e Porto, e Faro.

Conselho Jurisdicional: presidente, Coimbra; vice-presidente, Setúbal; relator, Lisboa; vogais, Porto e Braga. Haverá uma lista única, e todos parecem de acordo.

O actual Projecto da Segunda-Divisão parece não ter caído no agrado das Associações nem dos dirigentes que estudam o problema. Braga levantou-se, Porto não está de acordo, Setúbal protesta. Em contra-partida, o primitivo Projecto de 12 clubes em cada série agradava quase a todas as Associações, menos a uma, a mais poderosa. Sabemos que um dos autores do Projecto se desinteressou do assunto.

As funções de treinador do Sporting foram confiadas a Alexandre Peixes, que trabalha com decidida vontade. Armando Ferreira e Fernando Vaz continuam a desempenhar as mesmas tarefas da época precedente. Candidato de Oliveira, apontado como orientador, ainda não apareceu no clube e diz-se que abandonará o cargo. Também se fala, para treinar os guarda-redes, em Szabo, do Oriental, que, aliás, já está autorizado pelo seu clube a fazê-lo, na hipótese da aceitação por parte do Sporting.

Os belenenses aguardam ansiosamente que entre em funções o italiano Rino Martini. Quaresma jogará de vez em quando, deixando de mão o primeiro grupo, como treinador.

Segundo julgamos, Augusto Silba, o melhor treinador nacional, foi abordado para assumir o cargo de treinador do seu antigo clube, mas vários mal-entendidos afastaram-no do cargo, aliás, talhado à sua medida. O convite revestiu-se, na verdade, de aspectos singulares.

Afastado o recrutamento de Diógenes, que ficará no Porto, consta-nos que um grupo de sócios tentará a volta de Vicente do O, convencidos da utilidade de um jogador de feição prática. A ver vamos...

A Seleção Nacional devia estar já em andamento. Compreende-se perfeitamente, no entanto, que, fixado o Congresso



JOAQUIM TAVARES
GUIOMAR (ROLA)

A estreia de Rola, do Clube Desportivo de Estarreja, no grupo de honra do Sporting, transformou-se num caso de sensação. O novo sportinguista, que era a novidade, destacou-se e venceu a sua personalidade. Não se trata de um praticante vulgar, mas de um homem que sabe o que faz e que sabe fazer...

A propósito, devemos esclarecer que Tavares é um nome que não diz nada em todo o distrito de Aveiro, para já não dizer em Estarreja, e que Rola anda no ouvido de toda a gente naquela reunião. Não se trata, propriamente, de uma alcunha, mas de nomes pelos quais as famílias são conhecidas, e que passam de pais para filhos. Nomes em que os membros da família têm orgulho. Já o bisavô do rapaz era conhecido por «Rola», e não vemos que haja inconvenientes em o tratar pelo nome por que a família é conhecida.

Rola nasceu em Estarreja a 13 de Maio de 1927, tendo portanto 22 anos. Começou a jogar onde calhava, em campos improvisados e em grupos adrede organizados, para se inscrever oficialmente há três épocas, logo que se formou o Clube Desportivo de Estarreja. Era na sua terra um jogador grande demais para o grupo, e veremos o que será em Lisboa. Bom trabalho de pés, consciência do jogo, remate fulminante — estão na base da sua personalidade. Pode dizer-se: surgiu um jogador!

para Outubro, se deixe à futura Direcção a nomeação do seleccionador. Todavia, devemos lastimar que, em presença de uma das épocas mais importantes do futebol português, nada se feça. A orelha torcida mais tarde não deitará sangue.



Atualmente, os grupos exercitam-se antes dos desafios, nos claustros da igreja de Santa Maria Novella, sob o olhar interessado da multidão

“O Giuoco del Calcio”

antepassado do nosso futebol foi o desporto tradicional dos florentinos

FLORENÇA, a bela cidade toscana recheada de edifícios monumentais e estátuas magníficas, pátria de pintores e escultores de génio, como Giotto, Fra Angélico, Botticelli, Filippo Lippi, Ghirlandajo Donatello, Verrocchio, Sansovino, Della Robbia e mais alguns, cujos prodígios na tela e no mármore deixam estarecido o forasteiro, pode considerar-se, também, berço do futebol.

Os investigadores atribuem aos gregos da Antiguidade a invenção de quase todos os jogos atléticos, onde se inspiraram os desportos modernos. Algumas modalidades, como seja a corrida da Maratona, foram criadas recentemente, essa no propósito de perpetuar o herói que levou junto dos muros de Atenas o notícia da derrota das hostes invasoras persas, mas, de um modo geral, a origem dos desportos pode conceder-se, sem injustiça, aos aguerridos incolas da Hélade.

O popular jogo da bola, pese ou não aos amigos ingleses, nasceu em Itália. Com mais propriedade criou-se na província da Toscana, cerca das margens do rio Arno, e ainda hoje se celebra com o cerimonial de há quatro séculos.

O «Giuoco del Calcio» foi descrito pelo conde Giovanni de Bardi, em 1580, e mais tarde o vagamundo inglês, Richard Lassals, apontou-o à

sagacidade britânica como espectáculo de grande comoção e brilhantismo.

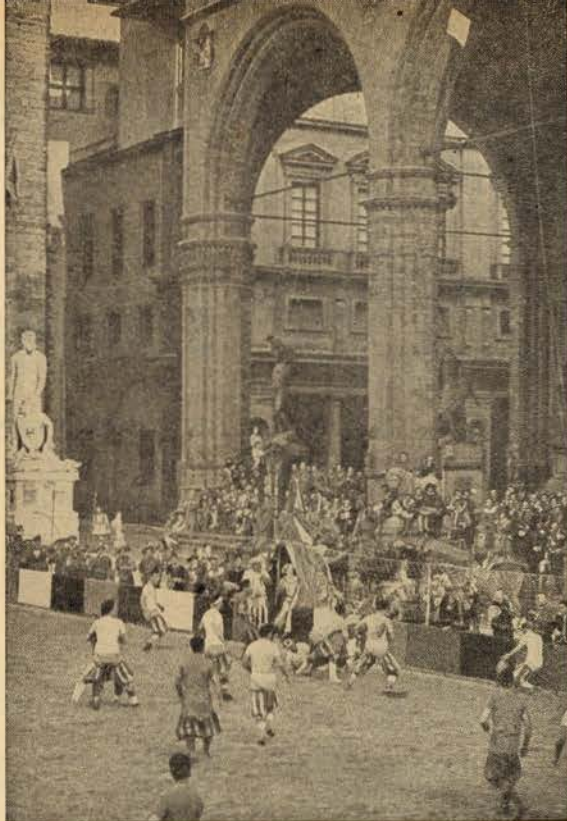
Cinquenta anos antes, no dia 17 de Fevereiro de 1530, disputara-se na cidade de Florença o mais memorável desafio de todos os tempos, participando nele os filhos das grandes famílias florentinas da Renascença: os Peruzzi di Medici, os Corsini, os Cavalcanti, os Ugucioni, etc.

Florença estava cercada pelas tropas do Papa e do Imperador. Para manifestar a amplitude do seu desprezo contra o invasor celebrou-se na Praça de Santa Cruz, o despique mencionado e na torre do palácio do «podestá» instalaram-se trombeteiros e tambores, anunciando os golos do desafio, ao inimigo.

Quem visitar o famoso Palazzo Vecchio, a imponente obra arquitetónica de Arnolfo di Carubio, poderá ver um quadro de autor desconhecido, representando um «match» de calcio, tal como era então disputado.

Atualmente, os desafios anuais conservam todo o cerimonial antigo. Sendo o desporto tradicional dos florentinos, é incluído nos festejos municipais e os descendentes das famílias da nobreza consideram imperioso dever a sua participação.

Vestidos e couraçados à moda da Renascença, percorrem as ruas da cidade, agitando as plumas



Fase do desafio, entre o Norte e o Sul do Arno. Um lance perto das redes que a imponente estátua de Michelangelo (à esquerda) parece observar com magistosa curiosidade



Este quadro, existente no «Palácio Velho», de Florença, reproduz um desafio de calcio, entre duas seleções cívicas, em meados do século XVI

OS "SNIPISTAS" PORTUGUESES têm valor internacional

A qualidade dos nossos barcos e das velas, especialmente o talhe destas, causaram sensação em Espanha

— disse-nos José Contreiras, chefe da equipa do Clube Naval de Lisboa

JOSÉ CONTREIRAS é um desportista da classe dos «sem por cento», com larga folha de bons serviços prestados ao Desporto, quer como dirigente dedicado e sabedor, quer como praticante entusiasta dos que procuram, na prática das mais diversas modalidades desportivas, a «saúde do corpo e recreio do espírito».

Nos desportos náuticos, em especial, marcou vincada posição, remando, velejando e dirigindo. Ainda agora José Contreiras foi o chefe da equipa de «snipes» que o Clube Naval de Lisboa deslocou a Málaga e Cadiz e donde veio coroada com os louros dum vitória absoluta e esmagadora. A sua acção em Espanha foi de resto bem definida e elogiada na expressiva festa com que o Clube acolheu a equipa, no dia da sua chegada a Lisboa. Nessa noite tentámos falar com José Contreiras para ouvir as suas impressões mas, a azafama natural que enchia o Cois do Gaz, com a chegada e cuidados com os barcos e os inúmeros abraços e felicitações, que pareciam não acabar, apenas permitiu que limássemos a nossa presença a um simples cumprimento de parabens.

Dias após, porém, entre dois cafés, José Contreiras disse-nos

brancas dos gorros de veludo, até se reunirem na Piazza della Signoria, onde a competição se efectuára.

Vinte e sete representantes de ambos os distritos, Norte do Arno e Sul do referido rio, defrontam-se ocupando dois campos opostos. O arauto lê aos espectadores que enchem as janelas e as loggia uma proclamação informando que o grupo vitorioso ganhará propriedade de um boi de pelagem branca, ali presente e alheio a todo o cerimonial.

Seguidamente os grupos desfilam em redor dos edifícios, despem as armaduras metálicas e o jogo principia. Cada golo é anunciado por um tiro de peça, antiga e carecomida, ao qual o boi responde com mugidos de aprovação.

Imagina-se mal o entusiasmo, a garridice e a imponência de semelhante espectáculo, que, longe de valer o futebol moderno lhe ganha em pitoresco e colorido.

Terminado o desafio, volta o desfile, seguindo na dianteira o conjunto vitorioso, acompanhado de bandeiras flamejando, trombetas soando notas alegres e tambores rufando, até que todos dispensem ao pôr do Sol.

R. B.

que as suas impressões da saída a Espanha eram...

— Magníficas. Os espanhóis foram inextinguíveis nas recepções que nos dedicaram. Posso mesmo classificá-las de apoteóticas. Tanto em Málaga como em Cadiz, foram incansáveis de dedicação e carinho para toda a equipa. Deixe-me dar relevo especial aos nomes de D. José Alvarez e do capitão-general almirante D. Rafael Estrada,



José Contreiras, nosso entrevistado, junto dos velejadegres Aricia, Rolando e Teixeira, que tão brilhantemente se comportaram em Espanha

que foram magníficos de gentileza, e deixemos também o nosso agradecimento aos comandantes dos barcos espanhóis, que nos receberam a bordo «mui amistosamente» e que de Málaga transportaram os nossos barcos para Cadiz e deram alojamento e hospedagem à equipa nesta cidade. Assim o nosso êxito não ficou registado só no campo desportivo mas também no diplomático.

— Mas sendo os espanhóis bons «snipistas», como justifica a nossa vitória esmagadora?

— Os nossos vizinhos são, na verdade, muitíssimos bons nesta classe de barcos e, ainda neste caso, «jogavam em casa», conhecendo as águas e os ventos dos locais de regata. No entanto, a equipa teve comportamento de verdadeira equipa, seguindo um plano táctico que foi perfeitamente cumprido. Jácome Ribeiro, por exemplo, em Málaga, correu brilhantemente, evitando que Carlos Raggio ultrapassasse Rolando ou Teixeira, papel que em Cadiz coube a Ribeiro Ferreira. Aliás o valor equilibrado dos velejadegres contribuiu muito para a boa classificação geral obtida. Mas, independentemente, do valor individual dos velejadegres há que acrescentar a qualidade dos nossos barcos e das velas, especialmente o talhe destas, que tanta sensação causaram aos espanhóis e contribuíram para o êxito que firmamos para as cores de Clube Naval de Lisboa.

Quisemos depois saber o que

José Contreiras pensava dos seus velejadegres.

— A nossa equipa era uma turma de jovens, com que futuramente podemos contar, pelo que fizeram agora. Um deles festejou em Cadiz o seu 15.º aniversário. Rolando e Aricia têm 18 anos. Isto é sem dúvida um bom prenúncio para o prestígio da vela nacional. Mas, em Espanha, na verdade, Rolando foi indiscutivelmente o melhor de todos e, com Aricia, formou um par que teve tanto de simpático como de valeroso; Joaquim Teixeira, com valor já demonstrado noutras classes de barcos, mostrou-se um velejador completo, adaptando-se com facilidade ao «snipe». Os outros comportaram-se de modo a assegurar a sua inclusão na classe dos bons velejadegres.

— Constatou que foram postas dificuldades à vossa partida por não ser reconhecida categoria à equipa.

— Isso não passou dum pequena «sintriga de bairro». Aliás era para estranhar tal decisão,

sabendo-se que Rolando Soares de Oliveira é campeão ibérico de «snipes» e que Teixeira e Jacome têm andado nos lugares da frente nas regatas de Lisboa. A única justificação aceitável para isso era talvez o receio de que uma representação unicamente clubista pudesse deixar mal colocado o nome da vela nacional, que tão boa representação tem tido nos últimos tempos.

«De resto os «snipistas» portugueses têm hoje verdadeira classe internacional. Esta foi uma representação clubista mas existem noutros núcleos valores equiparados que nos permitem concluir termos capacidade para competir com o que de melhor haverá lá por fora. E os espanhóis são, como como se sabe fortes «snipistas», classe de barcos em que começaram a praticar muito antes de nós.

José Contreiras contou-nos depois que os melhores velejadegres das frotas de Almeria e Algeciras estiveram presentes em Málaga, reforçando até a equipa local no seu encontro com Lisboa.

— O Clube Naval deixou portanto cartela? — perguntámos ainda.

— Claro, é natural que num futuro próximo voltemos novamente a correr nas águas espanholas do Mediterraneo. Tinhamos convite para Cartagena que teve de ser anulado devido ao Clube local se ver forçado a adiar as suas regatas. Em contra partida fomos convidados a correr

Revolução técnica

EM nenhuma modalidade desportiva existem princípios imutáveis; a verdade evoluciona com a aquisição de novos conhecimentos e os dogmas ruem abalados pelo exemplo de novas experiências.

Para todos os teóricos do atletismo, nomeadamente os mestres americanos, a única maneira de correr nos 400 metros era partir o mais rapidamente possível, manter o andamento e concluir como Deus permitisse.

A tática ficava assim reduzida a uma norma elementar, assentando apenas sobre as capacidades físicas de resistência ao prolongamento do esforço máximo.

Há poucas semanas, em Estocolmo, esta teoria sofreu um golpe demolidor.

O americano Whitfield, o campeão olímpico que vimos correr no estádio do Lumiar, bateu o seu recorde pessoal dos 400 metros, com 45,2 s., quatro décimos a menos do que o seu melhor resultado anterior.

Tarde excepcional? Condição física transcendente? É possível, mas também nova fórmula de correr, pois os primeiros duzentos metros foram percorridos em 23,6 s. e os últimos em 22,6 s., muito mais rápidos, portanto.

No mesmo dia, em Kouvola, o finlandês Heino reconquistava o recorde mundial dos 10.000 metros, gastando 14 m. 44 s. na primeira légua e 14 m. 43,2 s. na segunda.

A noção clássica de andamento parece assim, profundamente alterada: o rendimento final é maior se o corredor economiza forças na fase inicial da prova (isto, é claro, dentro de limites estudados levando em conta os seus recursos), para se empregar a fundo na parte final.

Fica assim posto um novo axioma, por cujo valor só o tempo e a experiência podem responder.

em Almeria e Molilla, convites que não podemos aceitar por falta de tempo, apesar de toda a boa vontade e o interesse posto pelas autoridades locais que propositadamente se deslocaram a Málaga para que aceitássemos tais convites.

Tinhamos chegado ao fim da nossa conversa e, depois do último golo de café, já frio, José Contreiras podiu-nos ainda que deixássemos expresso o seu agradecimento a Alfredo Soares de Oliveira, um grande camarada, pela maneira como preparou e orientou a equipa, tendo jus a lugar destacado nos grandes triunfos da turma.

H. P.

VISÃO DE CONJUNTO DA SEGUNDA JORNADA

DOMINGO passado efectuou-se a segunda jornada do Torneio de Preparação da Associação de Futebol de Lisboa. Parece haver horror à designação de *Campeonato de Lisboa*, muito mais expressiva, e assim dá-se-lhe um nome que nada significa. Mas o Torneio interessa, apesar de estarmos ainda em começo de temporada e dos grupos não apresentarem total acabamento. Verdade seja, não se sabe bem porquê...

Se o *desfeso* tivesse sido respeitado compreendia-se perfeitamente que os jogadores não revelassem a agilidade normal, por aumento de peso, e que os grupos se ressentissem de isso e da falta de entendimento do conjunto. Os principais clubes, porém, quase não tiveram uma pausa e a *qualidade* do futebol praticado começa a preocupar grandemente aqueles que têm a responsabilidade do jogo.

Exceptuando o Sporting que parece singrar de vento em popa, apesar da falta de um nome como Travassos e de vários inconvenientes, os outros *teams* (Benfica é ainda o que escapa) dão a impressão de rendimento inferior às suas possibilidades. O desenvolver da Prova deverá decerto melhorar as equipas, mas os sintomas não são bons. É de preocupar os Responsáveis.

Numa rápida leitura da constituição dos grupos reconhece-se que são poucas as *novidades*, e essas não recebem totalmente os aplausos das gentes desportivas. Uns afirmam-se e outros são discutíveis.

Ao que parece, o Sporting tem as honras da *melhor* aquisição da época. Trata-se de Tavares (Rola), vindo de Estarreja, que fez a sua estreia a ponta-esquerda. O rapaz tem garra: sereno, rematador, com intuição. Um caso a caminho do prodígio, se a primeira impressão não sofrer desmentido. Barros, de uma família de jogadores, de Fafe, já não se afirmou tão completamente, jogando embora nas Reservas, mas há quem lhe reconheça qualidades.

O Benfica também estreou um novo elemento, de origem portimonense, que já alinhou duas vezes. No primeiro desafio, Pascoal atraiu a atenção de todos; no segundo, já sofre críticas. Mas o rapaz deve fazer carreira. No domingo, o Benfica estrela Teixeira a centro-avancado.

O Belenenses está a fazer uma experiência com Bruno, e ainda não apresentou Jordão, do Barreirense. Não deixa de ser curiosa a inclusão de Gonçalves, elemento a aproveitar das Reservas, e a do proprio Caetano, em substituição de Sérgio, talvez em crise moral. Figueiredo, porém, não poderá em caso algum ser esquecido.

O Estoril, além de outros nomes, deu-nos a novidade da inclusão de Fandiño, o argentino que passou do Porto para Lisboa, e que se afirmou um bom jogador para exibição mas um fraco elemento para competição. Pelo menos, à primeira vista.

Pelo Atlético há grandes novidades. Estão suspensos até à próxima assembleia geral quatro jogadores (Abreu, Correia, Martinho e Armindo Costa), segundo se diz, por exigências financeiras, tornando-se evidente que o conjunto deve ressentir-se de tão numerosas falhas. Os novos que surgem no Atlético não demonstram capacidade.

Finalmente temos o Oriental que continua a contar com os mesmos jogadores, incluindo Eleutério, que o Sporting pretendia. O grupo precisa de trabalhar muito para ascender ao lugar que aspira. É interessante verificar que o Oriental dispõe de uma massa associativa que accorre a todos os pontos, e de grande dedicação, como afirmou perentoriamente contra o Sporting.

Os resultados apurados na 2.ª jornada foram os seguintes: Sporting 8, Oriental 0; Estoril 1, Belenenses 0; Atlético 1, Benfica 1.

Os números traduzem, de uma forma geral, a verdade. Certamente, o Oriental podia e merecia marcar mais do que uma bola, apesar de estar a grande distância do adversário, em conjunto e qualidades técnicas. O empate da Tapadinha é tido por todos como o resultado justo; e a derrota do Belenenses justifica-se com a impotência do seu ataque no capítulo de marcação.

Por enquanto há três clubes — caso curioso — que ainda não foram vencidos, mas o Sporting só averba vitórias, enquanto que o Benfica tem um empate e o Atlético dois. O outro *quinhão de três* acusa derrotas, mas o Estoril tem uma vitória e o Oriental um empate. Só o Belenenses se queda, tristemente, com derrotas. Esperemos, no entanto, confiadamente, o seu ressurgir, que talvez coincida com a chegada do treinador Martini, devendo apontar-se, a propósito, as grandes dificuldades que o italiano vai deffrontar: ambiente novo, valores desconhecidos, e tudo isto requiere tempo de adaptação.

Ora, o problema do Belenenses é antes de mais um caso de método e organização, a confiança em quem dirija e a simpatia de quem é dirigido. Depois, o resto. Evidentemente que todos julgam aquela tarefa fácil, mas nas condições em que o problema se apresenta julgamo-lo muito difícil.

Vale a pena observar por instantes o marcador de bolas, em qualquer dos seus dois lados. Sporting impressiona! Já marcou uma dúzia de tentos e ainda não sofreu nenhum. O contraste belenense surpreende: ainda não marcou nenhuma bola e sofreu cinco. O Oriental é a vítima em golos sofridos. Os resultados e os números são um indício ou matéria para apreciação assente em factos. O que não foi verdade será corrigido em futuras jornadas.

Classificação geral

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting.....	2	2	—	—	12	0
Benfica.....	2	1	1	—	6	5
Atlético.....	2	2	—	—	4	4
Estoril.....	2	1	—	1	3	4
Oriental.....	2	—	1	1	11	8
Belenenses....	2	—	—	2	0	5



Uma jogada de movimento pelo lado esquerdo e centro do terreno, o guarda-redes do Oriental saiu das balizas não segurando a bola capazmente. Rola aproveitou a situação crítica para insistir no remate, de direcção e habilidade, marcando o último gol (8.º) da partida.



Corona, esforçado jogador do Benfica, tendo alinhado a extremo-direito, desenvolveu alguns ataques perigosos, ainda que isolados. É um desses trechos que apresentamos aos nossos leitores, vendo-se Ernesto (Atlético) a executar a defesa, e Espírito Santo ao pé do lance, mas já desiludido.



TORNEIO DE PREPARAÇÃO



Jesus Correia é um ponta rápido e desconcertante de movimentos! Ao mais leve descuido do adversário, este correrá prigo. Jesus Correia aproveitou um passe para o seu lado e o facto de não ler nenhum adversário a vigiá-lo pra correr com presteza, marcando, de síticada forte, a quarta bola. O guarda-redes do Oriental foi batido, assim, como outros, nas mesmas circunstâncias!... O guarda-redes do Atlético teve um trabalho esforçado e ansio, inutilizando muitos ataques do Benfica. Baptista, o veterano elemento, muito dedicado ao seu clube, interpôs-se entre Pascoal e o que defende... Mas, na verdade, já não era preciso, embora valha mais prevenir que remediar.



Ernesto executa, bem lançado, braços erguidos e mãos abertas, uma defesa por alto. Júlio, no posto de interior-esquerdo, ainda acorreu, mas o guarda-redes fôra expedito e ele nada poud fazer.

MOSAICOS nortenhos...

REPETE-SE AQUILO QUE
TODOS CONHECEM...

Na ansia de procurar-mos motivos que dignifiquem o desporto portuense e nortenho, lançamos sempre um golpe de vista pelas acções de maior relevo. E sem querer, infelizmente, batemos sempre à porta do F. C. do Porto! O caso chega a parecer estranho, e nós mesmo o lamentamos antes de qualquer outra pessoa ou entidade.

Infelizmente, porém, o desporto regional gravita à volta do popular clube, raro sendo possível uma referência animosa, um louvor a esforços engrandecedores do desporto na capital do Norte. Temos sincera pena. Mas se o leitor quiser tirar a outra prova destas palavras, dê-se ao cuidado ou ao trabalho de fazer um inquérito aos acontecimentos de maior vulto, aos que mais interessam a uma Revista como «Stadium», e verá o que encontra como sumo e sabôr...

O ESTADO DO CAMPO DO BESSA

O Boavista, também popular e também valoroso, precisa de ser ajudado e hoje mais do que nunca. A despeito do esforço honesto que na última época produziu, não pôde o velho clube do Bessa vencer duas dificuldades: — a de ficar na 1.ª Divisão Nacional, e a de reconstruir o seu campo.

Um facto está consumado; o da descida. Outro precisa de urgente solução: — o do terreno de jogos. Estamos em presença de mais um terreno «histórico», embora o Boavista tivesse ido até onde lhe era possível para o defender dos duros toques do tempo. Mas não o conseguiu até agora. O Bessa esteve em obras, continua a estar e estará por muito tempo. E quem ajuda o simpático Boavista? Fazendo das fraquezas forças, lá vai tratando de tudo o melhor que pode. Mas o campo continua em crise e a dedicação local não chega!

A HOMENAGEM POSTUMA AO ENGENHEIRO BARROS MOURA

O falecido presidente da A. F. do Porto deixou nesta cidade os melhores amigos. Desportista sério e convicto, o engenheiro Barros Moura faleceu quando ainda desempenhava funções de presidente da segunda Associação do país, e agora se lhe dedica o torneio de futebol a que concorrem as melhores equipas do Porto.

Afirmam-nos, porém, que o F. C. do Porto apresentará na prova dos 5 domingos a sua equipa reserva. Os que regressarem de África não estarão presentes. Ou descansam, ou aguardam que seja legalizada a sua situação. De qualquer modo, achamos que devem descansar, pois efectuaram 10 jogos em pouco tempo e tem contra si os efeitos da viagem, pois fartaram-se de correr Angola em todos os sentidos — embora de avião.

na capital do NORTE

POPULARIDADE...

NÃO pode surpreender ninguém a maneira como o público desta cidade recebeu na última quinta-feira a equipa do F. C. do Porto. Já por várias vezes sucedeu assim, e ainda o ano passado, quando a equipa vencedora da 13.ª «Volta» aqui chegou, se viu que aos azues-brancos foi dispensada uma carinhosa manifestação de aplauso.

Em nosso entender, estes factos revelam inofensivamente a popularidade enorme do primeiro clube portuense. O apoio a jogadores ou atletas de qualquer modalidade em que intervenha o F. C. do Porto deve portanto tomar-se como sintoma de franca simpatia pelo seu labor no campo desportivo.

Dizemos em cima que não deve surpreender esta prova de simpatia e justificamos a seguir a afirmação. Enquanto que em Lisboa, por exemplo, a forma se divide pelo Benfica e pelo Sporting, pelo Belenenses e pelo Atlético, para não recordar outros nomes — cá no Porto surgem-nos sempre como principais pioneiros da actividade desportiva equipas ou atletas do seu clube n.º 1. A divisão pela escala lisboeta não se verifica, e daí a maneira expansiva como os nortenhos se juntam para vitórias os seus representantes, infelizmente quase isolados na luta.

Claro que não achamos exagerada a manifestação, de mais a mais sabendo-se que isso está nos hábitos alegres da gente do Porto. O que às vezes nos parece exagerada é a maneira como se relatam os acontecimentos. Procuram-se palavras de dicionário, invocam-se os Deuses e os Santos só para complicar a notícia ou... fazer sorrir alguma gente. Isso é que se nos afigura piegas.

O aplauso vibrante aos rapazes que bem representaram o clube, reflectindo-se na própria vida da colectividade, animando-a a prosseguir e a cobrir com o manto do seu prestígio as melhores dedicações, — esse aplauso espontâneo e anónimo que se não impõe mas é dado voluntariamente, aceita-se no Porto, em toda a parte, e revela inegavelmente a força dos acontecimentos desportivos. Logo, não se pinte o espanto na face dos que não estando identificados com o meio julgam mal cabido o aplauso aos elementos do F. C. do Porto, que sobe com firmeza as escadas da popularidade, que não cede um passo quando é preciso erguer o prestígio da região e do país.

CURIOSIDADES...

◆ Aguarda-se que o F. C. do Porto se dedique ao hóquei em patins. Os mais zelosos do nome do clube dizem, todavia, que só o deve fazer com uma equipa valiosa.

◆ António Marques, que foi do Marvilense, e depois do Académico, Sporting e Braga, pretende regressar ao clube do Lima.

◆ Não se sabe o que se passa quanto a ciclismo, no Porto... Há pelo menos uma verdade: no Estádio do Lima não se tem disputado provas, julgando-se mesmo que a pista já não funcionará este ano.

◆ Fernando Moreira e Dias Santos não têm corrido por doença. Lambertini regressa a Itália. Assim, conta presentemente o F. C. do Porto com Moreira de Sá, Valmitjana, Joaquim Costa e Joaquim Sá. Fala-se no regresso de Oaofre, por ter terminado o serviço militar.

◆ O êxito da organização que o F. C. do Porto promoveu, com atletas de Lisboa e a presença de Alberto Freitas, nosso camarada da Imprensa, deve-se muito a Arnaldo Borges, chefe da equipa do clube nortenho. A maneira como reage agora o Académico também ilustra a personalidade do treinador «portista».

◆ Roberto Machado nunca deixou de se dedicar ao atletismo. Como atleta distinto que foi, como

jornalista, dirigente e preparador, Roberto Machado tem o seu nome muito ligado à vida dos desportos atléticos. Nunca precisou de fazer a propaganda do seu nome — porque essa apareceu naturalmente, em aplauso ao seu trabalho e à sua inteligência.

◆ Pois Roberto Machado, que escolheu o Académico para subs-

2.ª Divisão

NÃO sabemos se a A. F. do Porto concorda ou não com o esquema federativo. Nem o caso interessa ou é para aqui chamado. Mas achamos de facto curiosa a maneira como a cidade do Porto foi colocada na tábua dos interesses desportivos do país...

Em princípio desenhou-se uma 2.ª Divisão de poucos clubes. Se o princípio se estabelecia com o propósito de seleccionar os concorrentes, não podíamos deixar de aplaudir a ideia, pois somos amigos do futebol e por ele nos interessamos até o ponto de esquecermos a situação ultimamente criada à cidade capital do Norte. Mas vê-se agora mudada a face das coisas, pois é anunciado um aumento de clubes, beneficiando Lisboa especialmente — mas deixando apenas os 4 colectividades do Porto partilharem do bôlo distribuído com alguma fartura...

Segundo o critério amplo da F. P. F., Lisboa poderá escolher mais uns clubes para juntar aos que por direito conquistado se mantiveram na 2.ª Divisão. Espera-se até que algumas equipas se surpreendam com o convite...

Para o Porto, porém, foi menos expansivo o autor do novíssimo projecto. Embora se pudesse talhar com alguma largueza, dado o facto de só de 8 em 8 dias se assistir a futebol de 1.ª Divisão — tal não se deu. Mas não tem sido sempre assim? Valerá na verdade pouco a pena insistir-se e produzir observações sobre este ou outros casos semelhantes.

Há coisas que não tem remédio, e esta é uma delas...

tituir o velho Nun'Alvares, embora se mantenha sempre imparcial e digno, comparecendo onde se faz atletismo, — mostra-se mais uma vez interessado na expansão da modalidade no velho clube do Lima. Belo sintoma.



Eduardo Nicolau venceu brilhantemente a «Volta a Gaia». Vemo-lo em acção, conquistando o prémio da Monlanha, também na mesma prova. Está a cumprir-se a profecia do glorioso José M. Nicolau

A NATAÇÃO MADEIRENSE

apreciada por Luís Quental

A Madeira precisa de uma piscina e de técnicos. Quase que só tem uma coisa: — nadadores!

Por ABREU TORRES

QUANDO em 1946, a Associação de Nataçã do Funchal se fez representar pela primeira vez nos campeonatos nacionais, abriu-se para a história da nataçã insular, um novo ciclo. Rasgaram-se, sem dúvida, novas perspectivas. E passou a trabalhar-se na Pérola do Atlântico com uma finalidade até então desconhecida: a vinda ao Continente.

De então para cá, não mais a nataçã madeirense deixou de estar representada nos campeonatos de Portugal, e viu até um elemento seu, José da Silva, guindado à categoria de «internacional».

Este ano, mais uma vez, os representantes da Associação do Funchal estiveram presentes nas provas máximas da nataçã portuguesa, disputadas na piscina municipal de Coimbra. São, caso curioso, precisamente os mesmos que se deslocaram em 1946: Vasco de Abreu, José da Silva e Frederico Henriques.

O comportamento dos valorosos rapazes, nos Nacionais de 1949, pode sem favor classificar-se de honroso: um título de campeão, dois segundos



Luís Quental, secretário da Associação de Nataçã do Funchal, transmite as suas impressões ao nosso camarada Abreu Torres

e quatro terceiros lugares. Quer dizer, em todas as provas em que tomaram parte, ocuparam os postos de honra.

Nesta sua viagem de agora, os nadadores funchalenses foram acompanhados pelo secretário geral da respectiva Associação, o nosso prezado amigo Luís Quental. Trata-se de um dos mais activos trabalhadores da nataçã na encantadora Ilha, óptimo camarada, com quem privamos de perto na recente deslocação a Coimbra, e que só grangeou entre todos os componentes da caravana, amizades e simpatias.

Desde logo combinamos entrevistá-lo para «Stadium». Primeiro, porque se tratava de uma oportunidade única para arquivar um depoimento sobre a nataçã madeirense, dado por quem a conhece em todos os seus pormenores. Depois, para manter a tradição...

Uma piscina desportiva — necessidade número um

Colocamos a primeira pergunta: — Qual a mais premente necessidade da nataçã madeirense?

— Lá, tal como cá, começa por nos dizer Luís Quental, o problema fundamental, o de mais premente necessidade de resolução é, sem dúvida, o das piscinas. É certo que existe a formosa piscina do Lido, magnífica, a todos os títulos e utilíssima como piscina de turismo. Não podemos igualmente esquecer que tudo o que tem sido possível fazer na Madeira se deve ao Lido. Como igualmente é da mais elementar justiça recordar a acção de Luís Lopes Serrão, grande entusiasta da nataçã desportiva, que gastou cerca de 25 contos para adaptar o Lido a competições desportivas, e que instituiu um belo trofeu — a taça «Lido» — para ser disputado num torneio inter-clubes.

Indicar, entre outros, os «iniciados» Venísio Carvalho, José Silva Reis, Arnaldo Camacho — que, pelas suas condições especiais, pela preparação a que está a ser submetido, será o sucessor de José da Silva nas provas de fundo. Já conseguiu 1 m. 15 s. aos 100 metros-livres e 25 m. 45 s. aos 1.500. Há, ainda outros «iniciados» de largo futuro, como por exemplo Manuel Ferreira, recordista regional de «bruços». Entre os «principiantes» citare os nomes dos irmãos Cotrim, Manuel Simão Rodrigues, Beltrão Andrade, Manuel Quental, Cesar Livramento José, este, um elemento dotado de excepcionais qualidades que, sem preparação adequada, se creditou de 1 m. 16 s. aos 100 metros-livres. Entre os «juniores», há bons elementos, como Mário Duarte, José Gouveia, José Custódio e José Agostinho de Sousa. O «senior» Mário Cotrim com apreciáveis faculdades para os três estilos é, também, elemento de largo futuro.

O público, por ora, não corresponde...

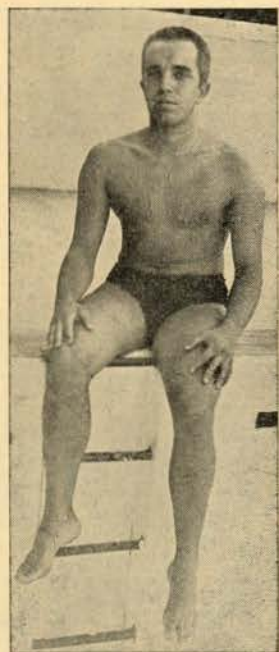
Mudamos de assunto. E pomos nova pergunta:

— O público madeirense manifesta interesse pela nataçã?

(Continua na página 15)



Vasco de Abreu, a mais representativa figura da nataçã madeirense, campeão nacional dos 200 m. livres



Frederico Henriques, outro valor da nataçã insular, 3.º classificado nos campeonatos nacionais de 200 metros-bruços e 100 metros-mariposa

A EQUIPA do Paris Université Club em Coimbra

PELA primeira vez, na história da natação portuguesa, Coimbra pôde presenciar uma equipa internacional de grande categoria — o Paris Université Clobé — cujas exhibições na cidade universitária constituíram assinalado êxito. A manifesta utilidade da existência da piscina municipal ficou, uma vez mais, amplamente confirmada. Mercê dela, Coimbra pôde há cerca de duas semanas assistir às provas máximas da natação portuguesa e, agora, admirar os nadadores e nadadoras do P. U. C., numa jornada de grande valor desportivo que por certo irá ter profunda influência no futuro da natação conimbricense.

Infelizmente, as condições atmosféricas não estiveram de feição. O festival de 6.ª feira, praticamente, não se realizou, tendo os organizadores resolvido transferi-lo — e muito bem — para a manhã de domingo.

Na noite de sábado, embora o tempo tivesse melhorado, o público não foi numeroso.

Estiveram, então, em evidência os magníficos componentes do P. U. C. e um elemento português de muito futuro — José Inácio Borja — que resolveu comemorar o seu aniversário da melhor maneira: vencendo os 100 metros-costas, em 1 m. 18 s., contra 1 m. 26 s. de Chauvean.

Os parisienses Boulin e Meslier brindaram o público com duas belas exhibições nos 200 metros-livres, que correram, respectivamente, em 2 m. 27,2 s. e 2 m. 36,5 s.

Maurice Lusien — o mais cotado elemento da equipa — impressionou o melhor possível nos 200 metros-bruços, que percorreu em 2 m. 55 s., seguido de Dupe, com 2 m. 58 s.. De muito relevo, também, a marca do portuense Abel Guimarães: 2 m. 58,7 s..

Nas demonstrações efectuadas pelas nadadoras, esteve bem patente a classe incontestada de Odette Casteur, Claudine Delmas, Manique Beur, Jacquelline Gaillet, Florence Leconte.

Nas provas disputadas na manhã de domingo, o público conimbricense teve oportunidade de apreciar o belo percurso de Lusien nos 100 metros-mariposa, com a marca excelente de 1 m. 13,4 s.; o valoroso «sprinter» que é Lugan, creditado de 1 m. 5,6 s. ao hectómetro; um excelente duelo nos 100 metros-bruços, travado entre



Fandiño

Estreou-se na equipa do Estoril, no domingo passado, contra o Belenenses, o argentino Fandiño, que, na época transacta, defendeu as cores do F. C. do Porto. Fandiño tornou-se notado na equipa nortenha devido ao seu magnífico domínio de bola, precisão de passe e movimentos tácticos. Quando integrado por completo na *maneira* do Estoril, deverá representar um valor e um reforço.

Dupont (1 m. 22 s.) e Abel Guimarães (1 m. 22,2 s.); além das magníficas exhibições de Odette Casteur, com 1 m. 20,2 s. aos 100 metros-livres e 1 m. 29,8 s. aos 100 metros-mariposa.

Em ambas as jornadas, os nadadores parisienses dominaram nas estafetas, apesar da réplica valorosa dos lusitanos.

No domingo à tarde, a equipa do P. U. C. fez uma exhibição na piscina do Luso, no decorrer de um passeio que lhe foi oferecido pelos organizadores.

Coimbra teve, agora, uma oportunidade única, excelentemente aproveitada para ver em acção campeões de classe internacional. Há apenas que aproveitar a lição — com vista ao futuro.



Os moçambicanos no Sporting

No sábado passado, as nossas obrigações profissionais levaram-nos ao Estádio Nacional. Tivemos, assim, oportunidade de colher esta fotografia em que se vêem os jogadores moçambicanos que ontem começaram a treinar no Sporting, Juca e Wilson (2.º e 4.º a contar da esquerda) na sua visita ao Vale do Jamor, acompanhados por Jorge Vieira, glória nunca esquecida do futebol português, e António Rosado (no meio dos jogadores), jornalista do «Notícias» de Lourenço Marques. Como é de prever, os rapazes ficaram encantados e desejosos de pisar a relva do Estádio Nacional. São duas pessoas simpáticas que falam com desembaraço, e, pelo que ouvimos, desejam apresentar-se em forma

A «VIII Semana da Vela»



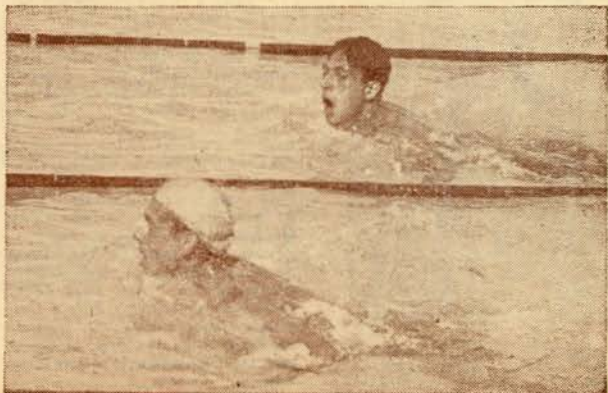
Terminaram as regatas de vela que, durante seis dias, ao largo da Cruz Quebrada, constituíram a «VIII Semana da Vela». No passado domingo efectuou-se um festival que assinalou o êxito desportivo da «Semana» e do qual publicamos este admirável aspecto que se refere às corridas de «snipes».

CAMPEONATOS REGIONAIS DE NATAÇÃO DA MOCIDADE PORTUGUESA

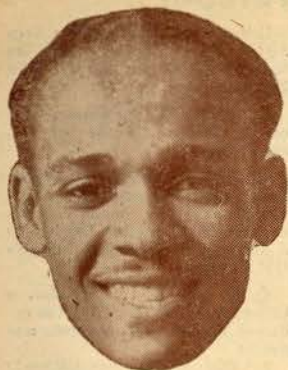
Os Campeonatos regionais de natação da Mocidade Portuguesa reuniram número apreciável de concorrentes e decorreram com animação.



Os concorrentes aos campeonatos disputados na piscina do Algés e Dafundo



Uma fase da prova de 100 metros-bruços, cadetes, com Alfredo Santos, que foi o vencedor, e Fernando Rosa



Malos Fernandes

Melhores tempos da época:

400 metros: — 50,4 s., Matos Fernandes; 50,9 s., Artur Dias; 52 s., Jorge Abreu; 52,4 s., Natal dos Santos; 52,9 s., Mire Dores; 53,1 s., José Figueira; 53,2 s., F. Casimiro; 53,6 s., J. Machado; 53,9 s., Tito Duarte; 55 s., M. Ochoa e O. Martins.

800 metros: — 1 m. 59,7 s., Alves da Silva e J. Branco; 2 m. 0,8 s., Pena da Silva; 2 m. 2 s., D. Canhão; 2 m. 2,4 s., Adriano Gomes; 2 m. 5 s., H. Sobral; 2 m. 5,3 s., A. Correia; 2 m. 6,5 s., Jones Fernandes e F. Aguiar; 2 m. 6,8 s., Guedelha.

1.500 metros: — 4 m. 8,5 s., J. Branco; 4 m. 9,8 s., Alves da Silva; 4 m. 14,3 s., Pena da Silva; 4 m. 15,7 s., J. Araujo; 4 m. 16,6 s., Guedelha; 4 m. 21 s., Pires de Almeida; 4 m. 24,3 s., Adriano Gomes; 4 m. 24,4 s., Casimiro Lúcio; 4 m. 24,6 s., F. Aguiar; 4 m. 25,6 s., F. Lourenço.

Num esboço de apreciação geral da actividade atlética portuguesa é impossível separar a velocidade prolongada do meio-fundo curto, pois os 800 metros, que pelas modernas doutrinas pertencem à primeira categoria, são exclusivamente praticados entre nós pelos homens que correm também os 1.500 metros.

Nos 400 metros encontramos especialistas que não participam em nenhuma outra distância plana (Artur Dias, Natal Santos, Tito Duarte, Matos Fernandes) e outros que acumulam com os 200 metros (Jorge Abreu, Mire Dores, F. Casimiro). No primeiro grupo encontramos os melhores elementos do momento.

Artur Dias, em Madrid, bateu o recorde do Sul com 50,9 s., mas foi depois sempre batido por Ma-

ATLETISMO

Velocidade prolongada e meio-fundo curto na época de 1949

tos Fernandes, que no Nacional elevou o mesmo recorde para 50,4 s., segunda marca portuguesa. O benfiquista é fisicamente muito melhor dotado do que o sportinguista para a especialidade e, normalmente, ganhar-lhe-á sempre; Dias adoptou este ano uma tática de economia na primeira parte do percurso, que resultaria se a economia não fosse tão assentuada.

Além destes dois corredores já veteranos, só podemos contar com praticantes muito novos, dos quais Jorge Abreu, revelação do ano com 52 s. (oitava marca portuguesa), oferece as melhores garantias para futuro, com classe de possível recordista, se tiver

vontade e «aficção» para treinar com insistência.

A citar ainda: Fernando Casimiro, de classe incontestável; Figueira, Tito Duarte, Natal Santos, João Luis e, também, Mire Dores com reserva sobre o seu interesse pela necessária e dura preparação para a distância.

No Porto, um principiante, Rodrigues Fernandes, correu os 300 metros em 38 s., o que é prometedor.

Nos 800, 1.000 e 1.500 metros sobressai um nome, o de Joaquim Branco, herói de quatro recordes e susceptível ainda de apreciáveis progressos. Tem classe, preparação bem orientada, mas ainda defeitos técnicos a corrigir (movi-

mentos dos braços, notoriamente)

Eduardo Alves da Silva foi o seu mais directo adversário, progrediu bastante e bem mais longe pode ir; dispõe de excelente ponta final, mas falta-lhe ainda a noção de andamento e o trabalho de tempo (cadência de marcha).

Pena da Silva e Adriano Gomes tiveram a sua melhor temporada; ao primeiro falta poder atlético, mas consideramo-lo em evolução progressiva; o segundo, pesado e contraído no esforço, dá-nos impressões menos lisonjeira.

Falta-nos falar da falange dos novos, felizmente numerosa: Helder Sobral e Fernando Aguiar são os cabeças de série (Casimiro Lúcio é, para nós, sobretudo um homem da légua), mas Adelino Monteiro, Jones Fernandes, Mário Ochoa, Claudino Martins e o belenense Lourenço podem, talvez, vir a alcançá-los.

Fica-nos a impressão de serem estas distâncias, daquelas em que mais rápidos progressos vamos alcançar, sobretudo no meio-fundo curto. Abundam os novos valores e modificou-se estruturalmente a tática de corrida.

SALAZAR GARREIRA



Jorge Abreu

CICLISMO

As "2 horas à americana"

A última 5.ª feira foi aproveitada para um novo festival de pista, pelas «Organizações B-S», com um programa que abrangia um «criterium» para amadores, e uma «americana» de duas horas, para independentes. Tanto uma prova como a outra despertaram interesse, mas especialmente a «americana», disputada com entusiasmo e com cinco ou seis equipas em plano de equilíbrio de valores. Império, voluntarioso e rápido, pôde acumular um número de pontos em «sprints» que deu ao Benfica a sua primeira vitória em «americanas» nos últimos tempos.

Os resultados apurados foram: «Criterium», de 25 voltas: — 1.º Honório Francisco (Benfica), 28 pontos, em 10 m. 15 s.; 2.º Américo Almeida (Benfica), 26 p.; 3.º Artur Gomes (Benfica), 16; 4.º

Henrique Vasques (Sporting); 5.º José Camelo de Oliveira (Arroios).

Americana (2 horas) — 1.º Benfica, B (Império e João Rebelo) 172 voltas - 32 p.; 2.º Sporting A (João Lourenço e Fazio) 172-27; 3.º Sporting B (Júlio Mourão e Félix Bermudez), 172-25; 4.º Sporting C (Maximiano Rola e Zanazzi), 172-17; 5.º Benfica C (Edgar Marques e Guilherme Jacinto) 172-7; 6.º Benfica A (José Martins e Onofre Tavares), 171-19; 7.º Benfica D (Manuel Gonçalves e Alberto Coelho), 171; 8.º Sporting D (Henrique Vera e Artur Lopes) e Ginásio de Távora (Inácio Ramos e José Baptista); 10.º Mista (António Marques e Rafael Correia).

Desistiu a equipa do Futebol Clube do Porto, constituída por Valmitjana e Amândio de Almeida, devido a uma queda de Valmitjana.



«2 horas à americana» na pista do Estádio José Alvalade — Os independentes largam para a corrida: José Martins, Amândio Monteiro, Inácio Ramos, Zanazzi, Santos Gonçalves, Edgar, e outros

ARCADIA O DANCING N.º 1 = DA CAPITAL =

Todas as noites formidável programa de atrações internacionais com **VICENTE REYES y LOLITA DOLORES**

Os príncipes do baile clássico espanhol

A estrela de baile **LAURA ALONSO**

Anita Lucena, Nicole Blanchery, Daina, Lolita Bernabé, Mary-Mely, Irene Conde, Mabel Valencia, Sara Seny

Em pleno triunfo, o célebre conjunto musical **LOS GANSOS CANTORES**

Orquestra **ARCADIA** || Ballet **SEVILHA** Em pleno **ÊXITO!**
com a vocalista Julietta Rodrigues

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO fora

Boxe

Enquanto Marcel Cerdan se prepara para combater Jake La Motta, a 28 do corrente, outros desafios importantes se efectuaram na semana passada.

Na Europa, disputou-se entre Dick Turpin e o australiano Dave Sands, o campeonato do Império Britânico de pesos «médios». O mulato resistiu magnificamente a Cerdan mas Sands (que levou tempo a se aclimatar, perdendo com Yaroz e vencendo dificilmente o rijo Caboche...) rompeu a batalha em grande estilo. Ao fim de 30 segundos, Turpin encaixava um formidável sóco curvo no maxilar, ficando tonto. Outro golpe semelhante, assente no mesmo local, abatia o campeão por 3 segundos, seguindo-se duas quedas mais, a última pela conta de 10.

Na mesma sessão, Johnny Williams, esperança inglesa da categoria «pesados», derrotou por pontos o francês Estêvam Olek.

Em Bolonha (Itália), o campeão da Europa de «médios», Tibério Mitri, dominou amplamente o francês André Lefranc, semi-pesado, forçando-o a desistir no 9.º assalto, depois de o arrojarem duas vezes à lona.

Nos Estados Unidos, o mais importante combate disputado celebrou-se em Chicago, entre dois pugilistas de cor: Sandy Saddler, ex-campeão mundial de «semi-leves» e Harold Dade, ex-titular de «levisimos».

Ao cabo de 10 assaltos, o árbitro concedeu a vitória a Saddler, por pontos. A reunião teve por fim agenciar fundos para obras de beneficência, estando presentes, além de outros, Ezzard Charles, Willée Pep, etc.

Atletismo

O lançador do Martelo Imre Nemeth, natural da Hungria, bateu o recorde mundial da referida modalidade, atraindo o engenho a 59,75 durante um torneio efectuado em Kattowitz (Polónia).

O máximo anterior também lhe pertencia com 59,02, desde Julho de 1948, mas o recorde officioso é do irlandês Callaghan, com mais de 60 metros.

♦ Marcel Hansenne, retirado de todas as competições oficiais e destreinado, correu os 800 metros em 1 m. 53,6 s. o que é simplesmente magnífico!

A MODERNA

OFICINA DE ENCADENAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA

NOTA DA SEMANA

REUNIU-SE em Milão (Itália) a International Board da FINA, isto é, a Assembleia dos representantes de todos os países filiados na Federação Internacional de Natação de Amadores. Entre os varios problemas debatidos figuravam a admissão da Alemanha e o reconhecimento do estilo de nadar conhecido sob o rótulo de «borboleta», que uma classificação como modalidade heterodoxa do «brucos» e outros querem confundir com o «crawl». Quanto ao primeiro, ficou resolvido admitir os nadadores alemães de ambos os sexos, mas os dirigentes ainda não poderão desempenhar quaisquer funções de carácter internacional. A respeito do segundo problema, o estilo «borboleta» passará a considerar-se um processo de nadar independente, a partir de 1952, confundindo-se com o brucos clássico até então, salvo se o Comité Olímpico, por exemplo, o venha a admitir como modalidade própria antes disso.

Outra decisão de grande alcance, que virá revolucionar o jogo do polo aquático, foi proveniente de uma proposta apresentada pelo sr. Negri, presidente da Confederação Sul-Americana, a qual permite aos jogadores moverem-se dentro de água depois do cometimento de uma falta. Só o jogador incumbido de marcar o castigo deverá permanecer imóvel dentro do meio líquido.

Esta deliberação alterará a mecânica do polo aquático, que fica sendo um desporto favorável dos nadadores de crawl, mais velozes que os praticantes de outros estilos.

Aparte a interdição de mergulhar a cabeça dos adversários, mesmo detendo a bola, e o fóra de jogo na linha de 4 metros, o water-polo europeu passa a assemelhar-se muito ao sul-americano, depois da decisão atrás referida.

Por último, a FINA resolveu exigir da Federação da Hungria, organizadora dos campeonatos da Europa de 1950, garantias suplementares para não haver exclusão de certas equipas nacionais, que a «foices» e o «smartelo», por motivos políticos e ideológicos, são muito capazes de não querer receber.

Uma das mais admiráveis características dos homens de sport integrais, é o alheamento absoluto de credos religiosos, tipos raciais, e ideologias políticas. Manter estes alicerces da ética é um dever de todos os organismos, nacionais ou internacionais. Por isso, a FINA procedeu excelentemente.



Realizam-se todos os anos, nos Estados-Unidos, jogos de baseball entre os mais destacados filiados das Ligas, para apuramento dos primeiros jogadores americanos. Os participantes são escolhidos por votação popular, na qual intervêm todos os apaixonados do referido desporto, espalhados pelo país. Mais de 32.000 espectadores assistiram ao desafio que foi encarniçado e terminou com a vitória da Liga Americana sobre a Liga Nacional, por 11-7. Jackie Robinson (negro), Sid Gordon e Joe di Maggio, aqui presentes na ordem indicada, foram os jogadores mais em evidência durante o encontro, realizado no Ebbets Field, de Brooklyn

Futebol

Como eliminatória para a Taça Jules Rimet (Campeonato do Mundo) o México derrotou os Estados Unidos por 6-0.

♦ A Bulgária conseguiu vencer a Checoslováquia por 3-1, em Praga.

♦ No Campeonato da Argentina, o clube dos milionários, River Plate, vai no topo da classificação com 82 pontos. Seguem-se o Racing, El Platense, Newell's Old Boys, etc.

♦ Ao fim de 5 jornadas, o Campeonato da Liga Inglesa ordenou os clubes da seguinte maneira:

1.ª Divisão: Wolves (10 pts.); Manchester United (9); Liverpool, Burnley, Everton (7). O Arsenal figura nos últimos lugares, com 4 derrotas.

Ténis

Terminaram os campeonatos internacionais dos Estados Unidos, que tiveram lugar nas pistas de Forrest-Hills, cerca de Nova York.

No torneio individual masculino, a vitória coube a Pancho Gonzales, pela segunda vez, repetindo o triunfo de 1948. Os quatro semi-finalistas foram Gonzales, Billy Talbert, Ted Sbroder e Frank Parker. Este último perdeu com o primeiro, por 3/6, 9/7, 6/3, 6/2 e o terceiro derrotou o segundo por 2/6, 6/4, 4/6, 6/4 e 6/4.

O encontro decisivo travou-se, por conseguinte, entre o vencedor de Wimbledon e o incerto californiano. A batalha teve características épicas, pois Sbroder bateu-se com enorme energia, ganhando as duas primeiras partidas por 16/18 e 2/6. A partida inicial durou 78 minutos, tempo recorde nos anais do citado campeonato americano.

Quando a terceira começou, Gonzales abriu o jogo com serviços de violência e colocação incalculáveis, vindo imediatamente à rede segurar as devoluções, de tal modo que os pontos quase todos se obtiveram ao fim de três jogadas. Gonzales conquistou desta maneira o terceiro set por 6/1, e os dois imediatos por 6/2 e 6/4. O derradeiro viu, ainda, um esforço enorme de Ted, o qual igualou o marcador com 4/4, mas Gonzales limpou os dois últimos jogos de modo irresistível.

Miss Margaret Orborn-Dupont ganhou o torneio individual feminino, derrotando Miss Doris Hart, por 6/4, 6/1 e a parilha mixta Miss Brough-Sturges bateu o grupo Osborne-Talbert por 4/6, 6/3, 7/5 no torneio de pares dos dois sexos.

♦ O campeonato internacional de Ankara (Turquia) terminou com a vitória do australiano Jack Harper sobre o veterano Barão de Von Gramm (Alemanha), por 6/4, 3/6, 4/6, 9/7 e 6/2.

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

Magnífica visão de conjunto do Estádio Municipal de Coimbra, fotografada do Penedo da Saudade. Com seu belo tapete de relva, dispondo de uma excelente piscina de 33 metros—que se reconhece, na fotografia, à esquerda—o Estádio Municipal da Lusa Alenas é uma obra digna dos melhores encômios, perfeitamente à altura do valor desportivo da encantadora Cidade Universitária



A natação madeirense

(Continuação da pág. 11)

Lufs Quental esclarece-nos, e fá-lo com desgosto.

— Infelizmente, não. O público, mesmo com entradas gratis, é sempre muito reduzido. O público ainda não eriou gosto pela natação. Há muito que trabalhar na Madeira nesse ingrato captulo.

— Talvez com a deslocação de equipas continentais ou estrangeiras — artísticas.

— Seria, de facto, interessante e útil. Mas, não dispomos de meios financeiros para meter ombros a tais iniciativas. Assim, não pudemos aceder à proposta recebida da Federação Canariense, tendente a exhibirem-se, no Funchal, alguns dos seus melhores nadadores. No que toca a elementos do Continente, a sua deslocação só é viável desde que se desloquem juntamente com uma equipa de futebol, para que os lucros conseguidos com o desporto-rei possam cobrir o prejuizo das organizações náuticas.

Vasco de Abreu, José de Silva e Frederico Henriques corresponderam inteiramente

Uma pergunta que se impunha:

— Ficou satisfeito com o comportamento dos «seus» nadadores?

A resposta bem pronta:

— Sem dúvida alguma. Corresponderam inteiramente ao que deles esperava. Vasco de Abreu conquistou um título, de parecerie, é certo, com Lopes da Conceição, mas com inteiro brilhantismo. E foi excelente segundo

nos 100 e 400 metros-livres. José da Silva, terceiro nos 400 e 1.500 metros-livres. Frederico Henriques, também terceiro, nos 200 metros-brucos e 100 «mariposa». Foi, sem sombra de dúvida, o mais homogêneo conjunto de resultados alcançado por nadadores madeirenses em qualquer das suas quatro deslocações ao Continente. E todos eles conquistaram medalhas referentes ao melhor nadador de Associação diferente da do vencedor.

Estavam focados os pontos principais, dentro do espaço de que dispomos. Lufs Quental formulou-nos, no entanto, um pedido a que accedimos gostosamente; quer agradecer, através das nossas colunas, o belo acolhimento que encontrou no Continente, as facilidades e espírito de cooperação que os dirigentes lhe dispensaram, a sã camaradagem de todos os elementos que se deslocaram a Coimbra — viagem de que guarda as melhores recordações.

Até para o ano! . . .

Quando este número da «Stadium» começar a circular, já se encontram na Pérola do Atlântico os representantes da natação madeirense. Sob todos os aspectos, deixaram no Continente a mais agradável das impressões. Em tudo e por tudo, honraram o seu nome de desportistas e a sua terra.

A Madeira acaba de os receber, aureolados por um conjunto de classificações honrosas. Lisboa recebeu-os, certamente, daqui a um ano, quando dos «Nacionais» de 1950. . .

A. T.

A vida de Peyroteo

(Continuação da página 3)

o rair da popularidade, a sujeição às ordens de quem pode e manda.

Não é este, felizmente, o caso do Fernando, que deixa o futebol por sua livre e espontânea vontade.

Do seu actual merecimento e valia, disse Francisco Ferreira, o maravilhoso «internacional» do Benfica:

Ainda fará falta. Se ele abandonar como se diz, não vejo avan-

çado-centro. O Fernando ainda é o jogador que temos para aquele lugar.

Mais um «ás» que se vai... mais uma grande saudade que fica... mais um motivo para se exclamar: O Peyroteo faz falta!

A sua brilhante carreira de atleta pundonoroso foi-nos contada com laivos de emoção.

E' também com emoção que vamos escrever, começando já no próximo número.

(Continúa)

O F. C. do Porto

regressou à metropole

(Continuação da pág. 2)

A cada um, foi oferecida uma medalha de ouro, uma máquina fotográfica, óculos especiais de verão, peles para calçado. . .

— Sobre o aspecto financeiro. . . — Isso agora já é aqui com o Carlos Nunes. . .

Carlos Nunes, entretanto, sorri. Não se abrinde intelramente, também não deixou de se mostrar satisfeito, mesmo muito satisfeito. . .

Comeuta: — Não trazemos nenhuma fortuna. Importa-nos talvez muito mais o êxito desta excursão. Esse lhe posso garantir. Foi absoluto. — Diga mais alguma coisa. . .

— O clube ganhou com a excursão. Sobre todos os aspectos. Chega?

— E também a nossa simpática filial de Luanda, — informa ainda o dr. Cesário Bonito.

E continua: — O F. C. de Luanda, promotor da nossa visita, também teve um lucro de algumas dezenas de contos. Talvez 120. . . Agradou-nos que tal acontecesse.

— A viagem ao Congo Belga parece que esteve em perigo. . .

— Esteve. Fui forçado a fazer, antes do jogo, uma «corrida», de avião, com um director do F. C. Luanda, a Leopoldville. Sem que do facto tivéssemos culpa alguma, as negociações foram mal compreendidas, mas tudo ficou sanado e a visita fez-se, embora uma semana depois de marcada. Encontramos uma certa resistência, caso curioso, por parte de elementos que bem podiam auxiliar a visita. Mas nós queríamos jogar em Leopoldville! Precisavamos jogar ali, — nem que fosse de graça!

— Porquê? — Para provar um pouco, aos nossos amigos de Angola, que a equipa do F. C. do Porto, também saberia ganhar fora dali. No fim de contas, lá conseguimos ir, — e vencer uma forte selecção.

Deixámos entre a colónia portuguesa muitos amigos, que se manifestaram entusiasticamente à nossa saída do campo «Rainha Astrida».

«Quando entrámos no campo, fomos colocar um ramo de flores no monumento da «Rainha Astrida», coisa que nunca fez qualquer grupo antes de nós. A equipa guardou um minuto de silêncio. Pois não calcula a emoção do público! Nunca haviam assistido a uma tal homenagem.

— Acha provável que o Porto ou outras equipas se desloquem a Africa?

— Mas absolutamente! Nós poderemos ir ainda a Moçambique. Tivemos de recusar um convite para 3 jogos, com todas as despesas pagas e 160 contos de prémio. Era tarde, porem. Tiohamos as malas prontas para o regresso à Metrópole.

«Sei, no entanto, que em Angola interessará a visita do Sporting e do Benfica. Pela maneira como decorreu esta viagem do F. C. do Porto, pode afirmar-se que tudo correria o melhor possível.

Estávamos no fim da nossa conversa. Vieram ainda à baila muitas coisas. Mas nada que não tenha sido transmitido ao público, através da imprensa. Escolhemos por isso aquilo que... talvez se não saiba.

R. T.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00



Um grupo de concorrentes aos campeonatos de atletismo na zona de Lisboa promovidos pela F. N. A. T. Estes campeonatos dizem respeito a 1.ª e 2.ª categorias, efectuando-se no próximo sábado e domingo os de 3.ª. Ao lado de nomes consagrados vê-se gente nova, em representação dos muitos organismos inscritos na F. N. A. T.



A equipa do Grupo Desportivo do Banco Lisboa e Açores que triunfou na estafeta 4x80, 1.ª categoria, com o tempo de 37,9 s. Da esquerda para a direita: Mira Barroso, Jorge Pereira, Joaquim Cachamela e Colaço. A vitória foi justa e merecida, sendo a equipa adversária, a da Europa, classificada em 2.º lugar, de boa categoria



A equipa do Grupo Desportivo da Papelaria Fernandes que alcançou a vitória na estafeta 4x1.000, 2.ª categoria, no tempo de 12 m. 24,8 s. Da esquerda para a direita: Fernando Gonçalves, Júlio, Ernesto e Artur Matos



Os dirigentes, jogadores e mais elementos do Futebol Clube do Porto chegam a Lisboa, após uma longa permanência em Angola. Todos vêm bem dispostos, e talvez um pouco mais gordos... Mas o treino espera-os!

ATLETISMO

Os campeonatos regionais da F. N. A. T.

NA pista do Estádio Nacional disputaram-se no sábado e domingo os campeonatos regionais organizados pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho aos quais concorreram cerca de três centenas de atletas, divididos em duas categorias, conforme se trate de filiados ou não filiados na Associação de Atletismo. As provas decorreram com grande animação e mostraram o excelente esforço em profundidade, desenvolvido pela F. N. A. T. no seu campo de acção. Os participantes da 2.ª categoria, homens feitos e mantidos nas escolas desta instituição, alcançaram alguns resultados interessantes, em contraste com outros de medíocre valor.

No grupo dos consagrados foi Matos Fernandes, o vulto mais destacado, vencendo sucessivamente os 300 metros, o salto em altura e o lançamento do disco; Joaquim Branco, vencendo nos 1000 e 3000 metros foi outro triunfador do torneio.

A melhor marca registada foi a de Matos Fernandes, nos 300 metros, 36,1 s. com a qual bateu largamente o rival Artur Dias, que gastou 37,4 s.

Os vencedores da 2.ª categoria, mais modestos, merecem todo o incentivo e como «produtos da casa» traduzem o merecimento de uma obra própria, digna do maior aplauso.

Nas nove provas individuais e nas três estafetas, assistiu-se sempre a luta valorosa e leal, todos os concorrentes empenhando o máximo de boa vontade, na alguns prejudicada pela carência de preparação técnica adequada.

Embora a FNAT ponha os seus monitores ao serviço dos filiados que queiram praticar a modalidade, a maioria não comparece com a necessária assiduidade às sessões de treino, prejudicando-se no rendimento do esforço atlético.

A perseverança, no entanto, vencerá progressivamente a incompreensão e a indiferença, como no-lo certificam de ano para ano o aumento do número de presentes nos campeonatos e a média crescente dos seus resultados.

No torneio deste ano, a F. N. I. M. venceu o Banco Lisboa e Açores em 1.ª categoria, por 52 a 44 p. e, na 2.ª categoria, os Bombeiros superaram a Carris por 44 a 40 pontos.

A organização foi regular, mantendo disciplina e ordem na sequência das provas, apesar do elevado número de participantes.



Os representantes do Grupo da Federação N. dos Industriais de Moagem, que conquistaram o 1.º lugar na estafeta 4x1.000, 1.ª categoria com o tempo de 11 m. 59,9 s. Da esquerda para a direita: Jaime Santos, Jorge Almeida, António Freitas e Joaquim Branco